A "DESCOBERTA" DA SEXUALIDADE INFANTIL



Raquel Baptista Spaziani*



CONTRIBUIÇÕES DE FREUD PARA AS TEORIAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

É COMUM A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA ENQUANTO UM SER ANGELICAL E INOCENTE, QUE DEVE SER PRESERVADO DE QUALQUER INFORMAÇÃO OU SITUAÇÃO QUE POSSA CORROMPER A SUA INGENUIDADE, PRINCIPALMENTE NO QUE DIZ RESPEITO ÀS QUESTÕES RELACIONADAS À SEXUALIDADE HUMANA. TAL NOÇÃO DE INFÂNCIA É ALGO QUE FOI SE DESENVOLVENDO AO LONGO DA HISTÓRIA, A PARTIR DO SURGIMENTO DO "SENTIMENTO DA INFÂNCIA".

De acordo com o historiador francês Philippe Ariès, esse sentimento pode ser entendido como a noção da distinção da infância em relação à juventude ou idade adulta, ou seja, a compreensão de que essa é uma fase, em particular, com características próprias que a diferem dos outros momentos da vida. Segundo Ariès (1981), na sociedade medieval, assim que a criança não dependia mais das pessoas ao seu redor, como da sua ama de leite, para sobreviver, ela já ingressava no universo adulto, sendo compreendida como um "adulto em miniatura".

Desta maneira, podemos observar que a concepção de infância, tal qual a compreendemos nos dias de hoje como fonte de cuidados e proteção, nem sempre existiu. A ausência de um "lugar" específico para a criança naquela sociedade pode ter sido fruto do alto índice de mortalidade infantil, que interferiu de maneira significativa na relação entre adultos e crianças, na medida em que a demografia da época não propiciava um "vínculo" entre ambos.

Por volta do século 15-16, a criança convivia com os adultos em todos os seus contextos, como em festas, passeios, trabalho, não havendo distinção no espaço



"Assim, todo o ambiente escolar passou a ser pensado de forma que tais comportamentos não ocorressem, garantindo a "pureza" de seus estudantes."

social de adultos e crianças. Assim, elas acabavam por presenciar situações que hoje consideramos próprias do universo adulto, como linguagem grosseira, brincadeiras de adultos com o órgão genital da criança ou, até mesmo, situações sexuais (Ariès, 1981).

De acordo com este historiador, isso ocorria pela concepção de que as crianças fossem alheias aos conteúdos sexuais. Assim, a convivência da criança nesses espaços não acarretaria prejuízos e consequências para ela. Do mesmo modo, por não haver a representação da inocência infantil, não havia a preocupação de que essas situações pudessem macular a pureza da criança.

No entanto, no início do século 17 a criança passou a ser representada e comparada aos anjos, surgindo a relação entre infância e pureza. Este sentimento de infância era manifestado pelos adultos por meio da "paparicação" com as crianças da casa, alvos de sua atenção e entretenimento, bem como por meio de estudos sobre o desenvolvimento psicológico das crianças, visando a criação de metodologias para a sua educação (Ariès, 1981).

Essa concepção da inocência infantil tomou maiores proporções na era vitoriana, em que as questões relacionadas à sexualidade foram restritas aos adultos e ao ambiente familiar, a fim de não "corromper" a criança, passando o sexo a ser compreendido com a única finalidade de procriação. Dessa maneira, criou-se uma separação entre a infância e a sexualidade, sendo a criança proibida de participar de quaisquer situações com o mínimo conteúdo sexual.

Alguns educadores da época defendiam a adoção de uma disciplina rígida no que diz respeito à sexualidade e às crianças, vigiando comportamentos como beijos, toques ou olhares durante as brincadeiras (Ariès, 1981). Assim, todo o ambiente escolar passou a ser pensado de forma que tais comportamentos não ocorressem, garantindo a "pureza" de seus estudantes.

O ROMPIMENTO COM A NOÇÃO DA CRIANÇA ASSEXUADA

O responsável por romper com a concepção da assexualidade infantil foi Sigmund Freud, na virada do século 19 para o 20, ao afirmar que não só a sexualidade faria parte do desenvolvimento da criança, como esta seria um sujeito de desejo. Nas análises de seus/suas pacientes, Freud percebeu que muitos de seus relatos diziam respeito às fantasias infantis

sobre a sexualidade.

Segundo o "pai da psicanálise", o desenvolvimento psicossexual de um indivíduo contemplaria a infância, fase em que a sexualidade se manifestaria de diferentes formas, como na exploração do corpo e na experimentação de sensações prazerosas. Assim, a sexualidade passou a ser compreendida de maneira ampla, para além da relação sexual e dos órgãos genitais, sendo a sexualidade infantil considerada "perversa-polimorfa", na medida em que as formas de prazer estariam presentes por todo o corpo, e não só nos genitais (Freud, 1905/1996).

O desenvolvimento psicossexual teria como característica a mudança dos modos e formas de gratificação, de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento infantil. Haveria, então, um deslocamento das zonas erógenas, sendo elas representadas na infância pelas fases oral, anal e genital.

A primeira zona erógena seria a boca, fazendo com que o bebê sentisse prazer pelo chuchar – repetição rítmica da sucção. Tal prazer seria expresso também por comportamentos como morder, sugar, lamber, etc. Após vivenciar essa fase, a zona erógena se deslocaria para outra área do corpo, que geraria também uma sensação de prazer.

Assim, a segunda zona erógena seria o ânus, sendo a sua manifestação de prazer a excreção ou retenção das fezes, bem como ao brincar com o seu excremento. A próxima zona erógena seriam os órgãos genitais, fazendo com que a criança sentisse prazer ao estimular o seu pênis ou vulva/vagina.

As fases do desenvolvimento psicossexual mencionadas acima compreendem o período da infância, havendo uma continuidade nas formas de gratificação no período da puberdade e adolescência. Do mesmo modo, a sexualidade infantil seria manifesta pela pulsão do saber, ou seja, pelo desejo e pela curiosidade da criança em buscar respostas às questões sexuais (Freud, 1905/1996).

Pode-se perceber que a "descoberta" da sexualidade infantil revolucionou a concepção de infância da época. Se antes a criança era considerada assexuada e ingênua, no que diz respeito às questões da sexualidade, depois dos estudos de Freud passou-se a compreender a criança enquanto um sujeito sexuado, que sentiria prazer em tocar e explorar seu corpo, bem como em manifestar as suas curiosidades sobre a temática.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Apesar dos estudos de Freud sobre a sexualidade infantil, a criança ainda é representada sob o viés de que nada deve saber sobre a sexualidade. Assim, percebe-se um excesso de preocupação dos adultos em vigiar e controlar as crianças nesses aspectos, revelando duas concepções que se inter-relacionam de modo paradoxal: a criança ingênua, que deve ser protegida de qualquer informação sobre a sexualidade, com a criança sexuada, que expressa as suas descobertas e interesses sobre essas questões.

Desse modo, a criança passou a ser tratada como alguém que deve ser protegido pelos adultos das suas curiosidades sexuais, pois estas seriam perigosas e pouco condizentes com a sua "pureza infantil". Isso talvez ocorra devido ao olhar sobre a sexualidade infantil sob o viés da sexualidade adulta, com fantasias sexuais e intencionalidade, ao contrário da primeira, caracterizada pela exploração e descoberta.

Na infância, a sexualidade é expressa de diferentes formas, sendo as mais comuns o autoerotismo, os jogos sexuais e as dúvidas sobre a temática. O autoerotismo seria a exploração do próprio corpo respondendo a um estímulo corporal imediato, não se relacionando à masturbação adulta, com representações subjetivas e fantasias eróticas (Spaziani & Maia, 2010).

Já os jogos sexuais seriam as brincadeiras entre as crianças envolvendo situações de toques e visualização do corpo, como "brincar de médico". Isso porque as crianças são muito curiosas em torno das semelhanças e diferenças entre os corpos dos meninos e das meninas, sendo estas brincadeiras oportunidades de sanar as suas curiosidades (Spaziani & Maia, 2010).

Por fim, as dúvidas sobre a temática se



"Desse modo, a criança passou a ser tratada como alguém que deve ser protegido pelos adultos das suas curiosidades sexuais, pois estas seriam perigosas e pouco condizentes com a sua pureza infantil."



"Assim, é preciso se atentar à educação para a sexualidade já na infância, a fim de não reproduzir tais padrões, contribuindo para uma educação menos sexista e discriminatória."

relacionam ao que a criança presencia em seu ambiente, como em sua casa, na televisão, em músicas e desenhos animados, bem como em conversas com outras crianças na escola. É comum que essas dúvidas estejam próximas às temáticas da gestação, da relação sexual e da expressão de afetos entre casais.

Tendo em vista que a criança é sexuada e expressa a sua sexualidade em diferentes contextos, faz-se necessário que os adultos conversem sobre a temática com ela, a fim de sanar as suas curiosidades, prevenir a violência sexual, ensinar sobre o respeito à diversidade, favorecer a sua autoestima, desconstruir padrões de beleza, assim como não tratar o assunto como um tabu.

Esse diálogo com a criança seria o que chamamos de "educação para a sexualidade", processo em que recebemos, ao longo da vida, informações e ações, intencionais ou não, sobre as questões da sexualidade, corpo e gênero. A educação para a sexualidade é um direito da criança, que deve ser não só esclarecida sobre as questões relativas à sexualidade, mas também estimulada a questionar modelos de normalidade e conduta para meninas e meninos, bem como a problematizar os discursos discriminatórios implícitos ou explícitos dos livros, desenhos televisivos e filmes infantis.

Isso porque, ainda que os corpos biológicos de meninos e meninas sejam constituídos por características diferenciadas, a construção do que seria atribuído na formação de homens e mulheres reflete crenças e atitudes que, geralmente, discriminam, revelam desvantagens sociais e desigualdades de poder, principalmente às meninas.

Muitos dos comportamentos que consideramos próprios do masculino e feminino nada têm de "natural", mas foram construídos a partir de uma educação sexista que, muitas vezes, os próprios adultos reproduzem sem perceber. Isso pode ser observado quando os brinquedos são separados pela tipologia reforçando estereótipos de gênero, como "casinha", "panelinha" e "bonecas" para as meninas e "carrinho" e "bola" para os meninos; ou até mesmo em comentários como "você é uma mocinha, não pode se comportar desta forma" e "menino não chora, você tem que ser mais forte".

As implicações de uma educação sexista podem aparecer na vida adulta, em homens despreparados para a paternidade, agressivos e que não sabem lidar com os seus sentimentos, já que isso foi desestimulado ao longo de seu desenvolvimento; e em mulheres que se cobram para exercer a maternidade e se desencorajam em se dedicar a uma profissão, mesmo com desejo para tal, bem como quando se silenciam diante de violências e assédios, por compreenderem que seu papel está em corresponder às expectativas dos homens.

Assim, é preciso se atentar à educação para a sexualidade já na infância, a fim de não reproduzir tais padrões, contribuindo para uma educação menos sexista e discriminatória. Nesse sentido, a educação para a sexualidade pode proporcionar às crianças um espaço de aprendizado e de confiança,

no qual ela será capaz de sanar as suas dúvidas e curiosidades sobre o tema de maneira acolhedora e isenta de julgamento.

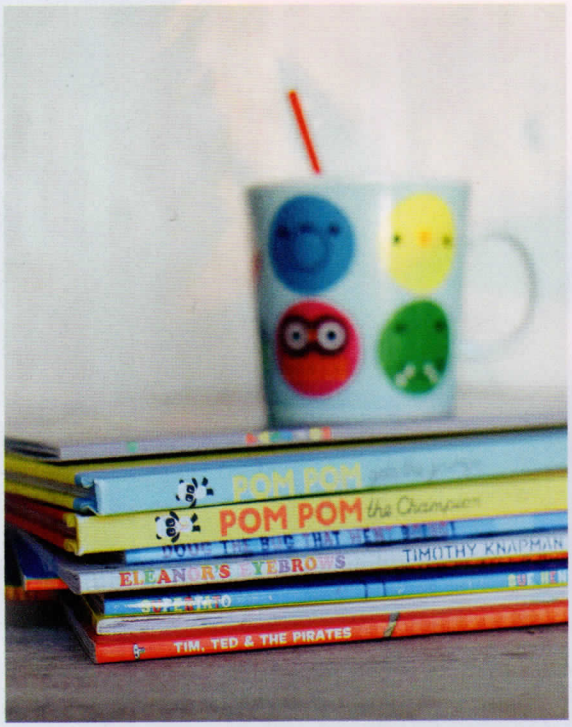
É comum que os adultos apresentem dificuldades na educação para a sexualidade de crianças, seja pela sexualidade ser um tabu em nossa sociedade, muitas vezes entendida como algo que deve ser tratado apenas no âmbito privado; por terem uma história de educação baseada na repressão, medo e vergonha, nunca esse tema ter sido tratado de maneira natural; como pelo fato de poucos adultos terem conhecimento sobre formas de conversar com crianças sobre o tema.

Levando essas dificuldades em consideração, podemos pensar em artefatos que facilitem o diálogo sobre sexualidade com a criança, como filmes, desenhos, músicas e livros infantis. Estes últimos podem ser encontrados sobre as mais diversas temáticas, como igualdade de gênero (*Ceci tem pipi*); violência sexual contra crianças (*Sem mais segredos: Juju, uma menina muito corajosa*); relação sexual (*Sexo não é bicho-papão*) e diversidade familiar (*As famílias são todas iguais*).

O importante é compreender que, se a criança



> *"LEVANDO ESSAS DIFICULDADES EM CONSIDERAÇÃO, PODEMOS PENSAR EM ARTEFATOS QUE FACILITEM O DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE COM A CRIANÇA, COMO FILMES, DESENHOS, MÚSICAS E LIVROS INFANTIS."*



manifestou curiosidade sobre um determinado tema, ela tem o direito de ouvir a verdade. Assim, a sua educação será baseada no respeito para com as suas dúvidas e não em histórias fantasiosas que só a deixam confusa e sem ter a quem recorrer.

Apesar de ter passado bastante tempo desde que Freud abordou a temática da sexualidade infantil, chocando a sociedade da época, esse ainda é um assunto negligenciado em cursos de graduação de áreas que podem trabalhar com crianças, como Psicologia e Pedagogia. Desse modo, há o desafio de formar profissionais sobre sexualidade, corpo e gênero, a fim de que atuem com a intenção de refletir e problematizar sobre esses temas com as crianças.

* Raquel Baptista Spaziani é psicóloga formada pela Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, com mestrado na área de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem realizado na mesma instituição. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, e integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura, atuando principalmente nas áreas de violência sexual contra crianças, sexualidade infantil e educação para a sexualidade. Autora do livro infantil *Sem mais segredo: Juju, uma menina muito corajosa* (Spaziani, Maia, Rizza & Ávila), que aborda a temática da violência sexual contra crianças.

GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO

PSICOLOGIA

ESPECIAL FREUD E SEXUALIDADE

DISTÚRBIOS SEXUAIS

Os diversos aspectos da sexualidade humana

OS TABUS E FREUD

Ele rompeu com séculos de repressão moral e desnudou os segredos da mente

O PODER DO INCONSCIENTE

As verdades e os mitos sobre a parte oculta da mente humana

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE

O trabalho de Freud permitiu educar as novas gerações e abrir outros campos do conhecimento



MYTHOS EDITORA
ANOS
Nº 35 - R$ 17,90 - € 6,00
9 781401 234812 35

INCLUSÃO EDUCAÇÃO ASPERGER ESTUDOS FAMILIA